"Eu? Eu não sou Charles!"

Sergio Lessa

O único sinal de que nem todos estavam cegos à realidade era um solitário cartaz, "Moi, je ne suis pas Charles!", na esquina da praça em que, na noite anterior, a prefeitura de Haia, na Holanda, promovera sua manifestação contra o "terrorismo".

Menos de dois dias depois, uma multidão de franceses foi às ruas pela "unidade" *ao redor do Estado* contra o inimigo público número um: *cidadãos franceses* tidos por "radicais muçulmanos". Todos eles filhos dos trabalhadores imigrantes que o capital francês trouxe da periferia de seu império para produzir a mais-valia absoluta de que necessita. Enquanto filhos imigrantes, são *subfranceses*. Deveriam não se revoltar, portanto, contra a condição a que são delegados: o maior desemprego, os piores trabalhos, os menores salários, as piores escolas, as piores moradias, os piores serviço públicos e – claro, de quebra, porque não há mal que venha só – a truculência das forças da ordem.

O que os eventos de Paris evidenciam é que há duas Franças: aquela que produz a mais-valia absoluta sem a qual o capital não se reproduz, e aquela outra, que parasita esta riqueza produzida também pelos imigrantes. Parte do proletariado francês, sua aristocracia acima de tudo, faz parte do bloco dos parasitas: daqui a posição da maior parte dos sindicatos e organizações dos trabalhadores. Quando não apoiam a repressão ao "terrorismo", se escondem atrás de um revelador silêncio.

Uma expressão *politicamente de direita* da revolta dos trabalhadores miseráveis da Franca, o ataque à sede do *Charles Hebdo*, é aproveitada pelo Estado francês para promover uma gigantesca manifestação contra os mais miseráveis dos trabalhadores franceses.

Havia radicais muçulmanos a serem mortos antes das aventuras imperialistas francesas? Havia radicais muçulmanos a serem mortos em Paris até terem trazido imigrantes para serem explorados em solo francês? Os sub-humanos têm – ou não -- o direito de serem elevados a humanos?

Não houvesse o imperialismo francês reduzido à miséria suas colônias e transferido uma parcela de seus trabalhadores para ser explorada na própria França, os chargistas do *Charles Hebdo* ainda estariam vivos. Os reféns do supermercado não teriam sido sequestrados e os três jovens não teriam pego em armas. Os policiais também não teriam perdido suas vidas. Não fosse a França uma nação imperialista, todos estariam vivos. Qual é a causa? Qual o causado?

Os jornalistas do *Charles Hebdo* mereciam morrer? Claro que não. Mas também não mereciam os reféns, nem os policiais, nem os três jovens que pegaram em armas. O imperialismo francês matou a todos. Defender a morte de uns e condenar as dos outros não passa de hipocrisia: velar as causas, glorificar as consequências. Nesta disputa pela direita, o que decide não é a razão, mas a força! Aquele que ficar vivo por último, "muçulmano" ou parasita, ganhará também o direito (pela força, porque o direito sempre vem pela força) de dizer que "o outro" era aquele contrário à democracia...

As origem e essência do problema não se situam em um confronto civilizatório nem residem no "radicalismo" de alguns jovens muçulmanos. Estes são apenas as consequências *pela direita* do espectro político. Não haverá medida capaz de superar tais consequências se as causas não forem removidas. "*Je suis Charles*" é apenas expressão desta "unidade nacional" que toma as consequências por causas e que oferece como solução o aumento da repressão e da vigilância sobre os trabalhadores mais pobres.

Além disso, qual a democracia esta "unidade" defende? A verdadeira democracia! Aquela que garante eleições enquanto elas não ameaçam o *status quo*, aquela que promove Guantánamo e os centros de tortura secretos – aquela que impõe pela força do imperialismo, mundo afora, o que é imprescindível ao capital em sua crise estrutural. Hoje, na França, as restrições à liberdade de imprensa e de manifestações, já antes presentes, estão ainda maiores. Jornalistas e chargistas estão sendo processados por suas posições políticas à esquerda, um cidadão francês protestou em voz alta em frente a uma delegacia e pegou quatro meses de prisão, o "incitamento ao terrorismo" e interpretado pelo Estado francês de modo tão amplo que a fronteira entre a democracia e a ditadura vai se tornando cada vez mais tênue. Este é o conteúdo da "unidade" ao redor do Estado francês: fortalecer a repressão e legitimar a perseguição aos cidadãos franceses contrários ao *status quo*.

É por esta legitimidade que promovem o movimento "Eu sou Charles". É por essa razão que nós não devemos ser Charles.